

Religiões Comparadas: Produções originais ou interações culturais?

André Barroso

SEEDUC-RJ

<http://lattes.cnpq.br/0466146822739635>

Ana Carolina Caldeira Alonso:

IC-UNIRIO

<http://lattes.cnpq.br/1703066374940127>

## Resumo

Este artigo pretende mostrar a interface de dois modelos religiosos no século I da Era Cristã, a saber: a religião romana e o “cristianismo”. Esta análise comparada, feita a quatro mãos, não poderá deixar frisar a cultura helenista como um importante marco de influência direta. Isto será esboçado a partir dos padrões míticos e nos modelos imagético.

## Palavras-chave

Cristianismo – Judaísmo - Interações Culturais - Império Romano – Religião.

## Abstract

This article wants to present the interface of two religion models in the first century of the Christ age, know: the roman religion and the “christianism”. This comparation analysis, it made by four hands, can't leave to frizzle the helenistic culture as an important mark of the direct influence. This will be slight since of the mythics standard and image models.

## Keywords

Christianism – Judaism - Cultural interations - Roman Empire - Religion.

## I. A ótica da comparação

Nosso objetivo é traçar, através de uma perspectiva comparada, um viés interpretativo que leve em conta a aproximação entre as características que formam o conjunto de religiões politeístas, que se convencionou chamar religião romana, presentes durante o Império Romano e o surgimento e ascensão, no seio desse mesmo império, de uma religião monoteísta o cristianismo.

O cristianismo, por sua vez, surge de uma facção dentre tantas existentes no interior do judaísmo, e sua denominação como o conhecemos hoje não ocorreu de forma homogênea, nem tampouco automática. Isso decorreu de tensões com grupos e regiões específicas, como é comum em qualquer grupo dissidente.

Assim, tentaremos apresentar em duas mãos uma possibilidade de análise de práticas religiosas em regiões distintas do oriente próximo por volta do primeiro século.

Tais análises possibilitar-nos-ão desconstruir um vício comum no ocidente cristão, que é olhar o cristianismo como original e base para todas as demais culturas e práticas religiosas. Desta feita, pessoas comuns e mesmo com certo nível de conhecimento acabam imputando ao cristianismo uma idade um tanto quanto maior do que este realmente possuí.

Aproveitamos para explicar que o trabalho que fundamenta esta nossa escolha compõe um projeto que tem como finalidade ser um grande laboratório científico historiográfico, congregando, em um mesmo espaço de estudo, pesquisadores das mais diversas áreas do conhecimento, referimo-nos aqui ao trabalho de Detienne (2004: 11), *"Comparar o Incomparável"*. Nosso trabalho é construir objetos comuns observados a partir da metodologia comparada.

Pelo fato de possibilitar, ou melhor, buscar o diálogo com outras disciplinas, como a sociologia, a antropologia, a arqueologia, a filosofia, a psicologia etc. Devemos considerar que essa postura metodológica é a que cria melhores espaços de observação no estudo histórico das religiões, como afirma (Cardoso, 2005: 203)

"… Mais do que no passado, impõe-se hoje com freqüência a análise interdisciplinar ou transdisciplinar nos assuntos da História das Religiões e da Religiosidade."

Estaremos estabelecendo uma pesquisa histórica sobre grupos sociais que unem aspectos históricos, sociais e religiosos, de forma que estes não sejam possíveis de serem analisados de forma separada. O problema está na tradição cristã que durante séculos pensou e ensinou que os eventos que formam seu arcabouço dogmático são verdades absolutas sem possibilidade de diálogo nem questionamentos. Tentaremos assim, julgar os referidos programas teológicos, retirando deles aquilo que eles podem oferecer sobre a história, sem que isso se transforme em uma tentativa de forçar do texto para atender as nossas necessidades. A Teologia, nessa pesquisa, compõe um estudo transdisciplinar, onde informações advindas da Arqueologia e da História possam ser usadas comparativamente com os programas teológicos. Mas a comparação está no fato de colocar paralelamente perspectivas religiosa-culturais distintas com o objetivo de observar pontos comuns de influência de umas sobre as outras.

Reconstruir este ambiente do "cristianismo antigo", sem levar em conta a transdisciplinaridade seria tarefa, senão impossível, mas com certeza, bastante limitada. Não relacionar Sociologia, História, Arqueologia e Teologia, e aqui só cito algumas disciplinas, tornaria o trabalho inviável do ponto de vista da construção de um conhecimento o mais próximo possível do recorte histórico proposto. Se levarmos em conta o silêncio sobre Jesus e seu movimento entre meados da década de 30 até início da década de 50, tal pesquisa estaria fracassada antes mesmo de ser iniciada (Crossan,

2004: 190-195). Assim, a comparação se apresenta como uma metodologia sem a qual nada disso seria possível.



BONNER, C. (1950)

O que deve nos chamar atenção nestas imagens é o fato de a figura masculina que deveria representar a paternidade, está ausente, porém esta ausência deve nos remeter a uma forte presença que é o pai que é Deus. Assim, a mensagem subliminar já está contida na imagem. A paternidade aqui é divina, não dando espaço para críticas, ou a elas respondendo contundentemente, se tomarmos por base a teoria de Malina sobre as sociedades de baixo contexto. É significante a observação do professor André Chevitere se sobre o assunto.

"Os cristãos, entre os séculos III e IV, estabeleceram um modelo iconográfico padrão na forma de representar Maria / Menino Jesus (figuras 1 e 2). Este esquema, onde a mãe leva a criança à altura do peito ou a coloca sentada nos seus joelhos, tem atravessado tempos e espaços diferentes, fazendo-se presentes nas mais distintas culturas cristãs ocidentais e orientais, no geral, e na brasileira, no particular".

(Chevitere, 2004: 82)

O risco que corremos quando observamos o cristianismo como se estabeleceu no ocidente, é de considerarmos uma religião pura, que se manteve intocável na sua relação com os mundos helênico, romano e porque não citar o africano quando da história atlântica. E nesse campo de discussão, não faltarão vozes em defesa dessa pseudo-pureza. Além do fato de que a arte não pode ser vista numa aureola de neutralidade, antes o artista está conectado com a realidade que deseja representar.

Poderíamos fazer alguns questionamentos acerca da pseudo-pureza, sem, contudo, querer desconstruir a fé legítima de pessoas piedosas: levando-se em conta que o cristianismo se manteve ileso nos processos de contato com outras culturas, inclusive com o politeísmo, como explicar os violentos embates dentro da estrutura, com seus respectivos cismas e a quantidade sem conta de documentos escritos com a finalidade de normatizar uma “ortodoxia” em detrimento da heterodoxia?<sup>1</sup>

Considero como ponto fundamental de toque entre cristianismo e politeísmo, seja este helênico ou romano, o fato de figuras importantes serem considerados filhos de uma relação de um Deus com uma humana. Desta relação surge alguém que tem a missão de ser o salvador, o pacificador, como é o caso de Dionísio que nasce da relação entre Zeus e Sêmeia. Ela, por sua vez, será resgatada do hades pelo próprio filho, ação repetida pelo Cristo que desce aos infernos para resgatar os justos. Para citar um caso romano temos Otávio declarado Augusto em 27 a.C. Foi considerado o salvador chegando a ser considerado senhor do tempo, como aquele que traz a boa nova (Evangelho), o dia do seu aniversário passou a ser o ano novo, assim chamado por ter nascido de uma fecundação divina em uma serva do templo. (Crossan, 2004: 21-27).

Quando se representa algo numa obra de arte esta deve ser olhada sob uma ótica de que o autor, ou artista vive em um tempo e espaço definidos por uma série de relações. Para entender o que falamos, basta fixarmos o olhar atento às obras do mestre Aleijadinho, nos doze profetas de expostos e Congonhas-MG, seus rostos representam os inconfidentes e o próprio Aleijadinho se retrata em um dos profetas. Isso mostra que o artista é uma figura profundamente conectada com seu tempo, ainda que não quisesse, pois, o homem é também fruto do meio.

Nosso objetivo não é desqualificar este ou aquele relato, é tão somente mostrar ao público e à academia que não existe cultura viva que seja neutra, sempre e em todo lugar onde culturas se encontram estas formam uma realidade nova, haja assimilação ou acomodação, essas não permanecem como antes. Nossa comparação tem por particularidade a transdisciplinaridade entre História, Arqueologia e Teologia. Com isso, torna-se possível compreender melhor esta interação a que me refiro acima, pois, a Arqueologia, História e a teologia nos permitem primeiro reconstruir sociedades e culturas antigas, resgatando materiais que podem ser postos lado a lado com achados de outra cultura e assim estabelecer alguma relação possível ou não. E, em segundo lugar, a história nos possibilitará analisar documentação e extraímos desta, presenças comuns e ausências igualmente comuns.

---

<sup>1</sup> Igualmente ruim terminologia utilizada para dizer o que é certo ou errado no que tange as verdades da igreja.



O fato ocorrido acima, representado nas duas imagens gravadas em vasos gregos representa o nascimento de Dionísio com Sêmele, sua mãe, deitada numa espécie de rede, Hermes carregando a criança Dionísio, mais a frente Iris, Eros, Zeus e Afrodite sentados.

É importante notar a quantidade de nascimentos divinos na mitologia e romana, a esta cultura, não se pode ignorar o fato de ter havido interações culturais, na região da Galiléia e outras localidades do império Romano e Helenista.



BONNER, C. (1950)

Observemos duas imagens antigas, porém de culturas diferentes e tempos também diferentes, a partir das quais inferimos a possibilidade de interações culturais. (Chevitarese, Cornelli e Selvatici, 2006)

O fato de estas figuras míticas serem concebidas por deuses, e sobre elas serem contadas histórias de suas infâncias fazem estas interações culturais nos parecerem mais próprias do que podemos imaginar. Dionísio que é atraído pelos titãs com brinquedos e objetos religiosos e as narrativas da infância de Jesus que é perdido pelos seus pais e aparece no templo dialogando com os doutores da lei, nos mostra uma interface entre cristianismo e paganismo que nossos olhos não estão acostumados a enxergar.

## **II. Do Oriente ao Ocidente**

A religião romana, enquanto oficial, consistia numa importante fonte de coesão social; por ser de caráter público (o culto era realizado em espaços comunais urbanos e visava o conjunto da população), sedimentava a solidariedade entre a comunidade (Mendes e Silva, 2006). É preciso, no entanto, ressaltar a importância da desvinculação da idéia de que o politeísmo formava uma religião romana uma, ou seja, que esta seria, na realidade, essencialmente, fragmentada em relação à concepção de religião, no sentido imputado pela modernidade<sup>2</sup>, que só iria surgir como resposta aos escritores cristão no período do Baixo Império levando os recém definidos “pagãos” a se colocarem dentro da atmosfera de disputas religiosas.

É importante remontarmos ao período do início da expansão romana, ainda sob a república. Precisando ainda mais as balizas temporais podemos falar da Segunda Guerra Púnica (218 a.C.). Esse período foi marcado por um intenso fluxo populacional o que provocou, consequentemente, um ambiente de trocas culturais entre povos nativos (que em grande parte constituíam-se de etnias orientais) e os romanos, dentro do cenário mediterrâneo (Parente, 1998). Regiões como a Ásia Menor, a Síria e o Egito foram alvos dessa expansão territorial romana, o que resultou em um aumento do número de divindades estrangeiras.

Se a civilização helênica era filha do Oriente, podemos dizer que a civilização romana era, de fato, um produto do mundo grego. Para isso, basta termos em mente a importância da educação grega, que permeava através da língua, de certos costumes, da arte, da arquitetura e da religião, sendo essa última a que nos cabe nesse encontro. Isso demonstra a força da herança de outros povos dentro da cultura imperialista romana.

Indubitavelmente, o conceito de romanização clarifica a discussão proporcionando melhor compreensão da importância da aproximação entre as religiões, no contexto das trocas culturais inerentes a expansão romana, já mencionada. Para isso, devemos ter em mente a romanização como um produto do imperialismo romano sem, no entanto,

---

<sup>2</sup> O sentido de religião na modernidade como uma doutrina ortodoxa e coerente

esquecermos que essa funcionava como um processo *relacional* entre os padrões romanos e a cultura provincial (Cardoso e Fontes, 2005). O imperialismo seria, para Said (1995).

"(...)um conjunto de experiências, com a presença tanto do dominante quanto do dominado dentro da cultura".

As interpretações tradicionais da historiografia buscaram definir as novas religiões recém chegadas à Roma como "religiões orientais", termo criado por Franz Cumont no inicio do século XX. Para Cumont essas religiões deveriam ser entendidas como um grupo proveniente do Oriente que partilhariam certas características. No entanto, as novas interpretações têm se empenhado no esforço de desconstruir a imagem "padronizada" atribuída a esses cultos que, certamente, diferiam tanto em seus locais de origem quanto nos elementos que os constituíam. Dessa maneira, o culto que penetrava a *urbs* e quê seria então praticado, era substancialmente diferente de seu ancestral oriental.(Beard, 1998)

No tocante a chegada dos cultos orientais em Roma, podemos mencionar como veículo de penetração na sociedade romana, a importância dos escravos, que segundo Robert Turcan, mantiveram fiéis a suas crenças nativas, tanto quanto os romanos eram em relação a seus próprios deuses. Além disso, podemos citar as frentes militares, nas quais as legiões passavam tempo razoável, até mesmo fora do território, o quê, consequentemente, proporcionava circulação cultural entre os romanos e culturas diversas. Da mesma maneira os comerciantes facilitavam o fluxo cultural dentro do império. (Turcan, 1996 :15)

Paralelamente às vicissitudes desses cultos no período imperial, o contexto da *Pax Romana* unida à extensão da *Civitas* (a cidadania romana) por Caracala aos habitantes provinciais do Império favoreceu as interações culturais entre as diversas partes do Império. Demonstrando assim, uma mudança de postura em relação a períodos anteriores, como quando, por exemplo, no inicio do século II d.C., Juvenal fazia referências "xenofóbicas", nas palavras de Turcan, às religiões de mistério. (Idem: 10)

Uma certa revisão do contexto no qual foi empregado o conceito é possível, na medida em que a idéia de tolerância, inerente ao termo "xenofobia", tem sua origem, de fato, na época moderna, e não se aplica a Antiguidade.

### **III. A religiosidade romana: Práticas e rituais**

Ao pensarmos na figura do *Pater familias* que simbolizava não só uma religião, como também um direito privado, baseada na figura do senhor absoluto da "casa"

(Chatêlet, 1985), contrapomos o *status* público geralmente carregado pela religião romana. O quê interessa ser ressaltado aqui é que podemos remontar, e até mesmo precisar, essa transição ao inicio da expansão imperialista romana. Percebendo clara utilização da religião como meio político e até mesmo de inserção social e manutenção das ordens sociais.

Ou seja, podemos dizer ser estratégico o caráter da adaptação e sincretismo das divindades estrangeiras no panteão romano, ocorrendo nesse momento a “publicização” da religião romana. A partir desse ponto o reconhecimento das divindades estrangeiras, sua consequente inserção na religião e, até certo ponto, o “controle” e manutenção das práticas de cultos e cerimônias, passa a ser domínio público, do que seria o Estado romano, o que, de certa maneira, institucionalizava a religião romana como sendo essencialmente pública.

Para Radcliffe-Brown (1973: 202), a religião funcionaria como um elemento aglutinador. Poderíamos dizer, sobre o risco de generalização, que a importância da institucionalização desses cultos e a perpetuação de cerimônias que ocorriam de forma periódica seriam, numa sociedade antiga, uma espécie de “rede” que vincularia os indivíduos, sendo importante não apenas social, mas também econômica e politicamente.

Tal formulação pode ser incorporada a nossa argumentação, se tivermos em mente, o fato de que a religião romana, desenvolveu-se de forma a valorizar os rituais e sua perfeita execução em harmonia com os desejos divinos, e não, necessariamente, com deuses e mitos em si. (Beltrão, 2003)

Em outras palavras, os ritos eram importantes não apenas relativamente às querelas cotidianas como, por exemplo, a abundância das colheitas, como também eram responsáveis por um fortalecimento da integração e solidariedade social, reproduzidas, no caso específico romano, pelo o que era de domínio público, ou o Estado romano.

Nesse sentido, ressalta Peter Burke, a afirmação de Malinowski de que “*a história fictícia* [o mito] desempenha a função de justificar alguma instituição no presente e, desse modo, manter sua existência”. (Burke, 2003) Os ritos estavam assim, relacionados aos dogmas e não com o mito que os inspira.

Ao pensarmos a história da figuração dos deuses e seus respectivos desenvolvimentos nas sociedades, encontramos uma formulação teórica para a questão romana de dinâmica com relação a seus deuses. Para o filólogo alemão Hermann Usener, teorizando sobre idéias religiosas, cada esfera da vida cotidiana do romano possuía seu “deus especial”.

De fato, vários relatos mostram a devocão romana a vários deuses, voltando-se eles a diferentes deidades para diferentes problemas. Um seguidor de Isis, por exemplo, poderia facilmente procurar abrigo espiritual em outros deuses. Aqui novamente

encontramos referência à importância da realização precisa de regras e rituais de invocação (Cassirer, 1992: 29).

**Bibliografia:**

ANDRADE, M.M. (2004). Público, privado e contextos funerários. In Phonix. Rio de Janeiro: LHIA-UFRJ. 10: 229-245.

BARROSO, A.L.S. (2008). O Filho da Prostituição: tensões violentas no interior do judaísmo no I século. Rio de Janeiro UFRJ (Dissertação de Mestrado).

BEARD, M. NORTH, J. PRICE, S. (1988) Religions of Rome. Cambridge: Cambridge University Press. vol. 1

BOARDMAN, J. (1989) Athenian red figure vases: the Classical Period. New York: Thames & Hudson.

BONNER, C. (1950) Studies in Magical Amulets, Chiefly Greco-Egyptian. Ann Arbor: The University of Michigan Press.

BURKE, P.(org). (1991) A Escrita da História: novas perspectivas. São Paulo: UNESP.

\_\_\_\_\_. (2000) História e Teoria Social. São Paulo: Editora UNESP.

BOURDIEU, P. (2007) A Economia das Trocas Simbólicas. São Paulo: Perspectiva.

BROWN, R. E. (2005) O Nascimento do Messias. Comentário das Narrativas da Infância nos Evangelhos de Mateus e Lucas. São Paulo: Paulinas.

BULTMANN, R. (2004) Teologia do Novo Testamento. São Paulo: Teológica.

\_\_\_\_\_. (2003) Jesus Cristo e Mitologia. São Paulo: Novo Século.

CARDOSO, C. F. (1994). Sete olhares sobre a Antigüidade. Brasília: Editora UnB.

\_\_\_\_\_. FONTES, V. (2005) Apresentação. Tempo. Niterói, v. 9, n. 18.

\_\_\_\_\_. VAIFAS, R. MAUAD, A. M. (1997) Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia. Rio de Janeiro: Campos.

CHEVITARESE, A. L. (2004) O Uso do Modelo Iconográfico de Tipo Universal (Mãe / Filho) pelos Cristãos: Maria, Menino Jesus e a Ilegalidade Física do Filho de Deus, in: Estudos de Religião 26, 81-91.

\_\_\_\_\_. CORNELLI, G. SELVATICI, M. (2006) Jesus de Nazaré : Uma outra História. São Paulo: FAPESP/Annablume.

\_\_\_\_\_. CORNELLI, G. (2007) Judaísmo, Cristianismo e Helenismo: Ensaios acerca das Interações Culturais no Mediterrâneo antigo. São Paulo: FAPESP/Annablumer.

CORNELLI, G. (2003) Homens divinos: entre religião e filosofia: para uma história comparada do termo no mundo antigo. In Estudos de Religião. São Bernardo: UMESP.

CROSSAN, J. D. (2004) O Nascimento do Cristianismo. O que Aconteceu nos Anos que se seguiram à Execução de Jesus. São Paulo: Paulinas.

\_\_\_\_\_. (2007) Em Busca de Paulo. São paulo: Paulinas

\_\_\_\_\_. (2207) Em Busca de Jesus. São paulo: Paulinas.

CUMONT, F. (1956) Oriental religions in Roman paganism. Toronto: General Publishing Company.

DETIENNE, M. (2004) Comparar o Incomparável. São Paulo: Idéias e Letras.

ELIADE, M. (2002) O Sagrado e o Profano: A essência das religiões. Lisboa: Edição livros do Brasil Lisboa.

FEENEY, D. (2005) Religion in Roman Historiography and Epic. USA, Princeton/Stanford: Working Papers in Classics.

FIORENZA, E.S. (1994) Mujer y ministério em El cristianismo primitivo. In Selecciones de Teología. São Paulo: Loyola. Nº 132. Vol 32. Out/dez. 327-337.

FLUSER, D. (1996). O Judaísmo e as Origens do Cristianismo. Rio de Janeiro: Imago, 2000.

GUERRA, L. BARROSO, A. (2006) Influência Pagã na Teoria e na Prática. In: História Viva. São Paulo: Duetto Editorial.P. 22-23.

GIBBON, E. (1989) Declínio e queda do Império Romano. São Paulo: Companhia das Letras.

HALL, S. (2005) A Identidade Cultural na pós-modernidade. Rio de Janeiro: DP & A.

HORSLEY, R. (2000) Arqueologia, História e Sociedade na Galiléia. Contexto Social de Jesus e dos Rabis. São Paulo: Paulus.

\_\_\_\_\_. (1989). Sociology and the Jesus Movement. New York: Crossroad.

JEREMIAS, J. (1983) Jerusalém no Tempo de Jesus: pesquisa de história econômica e social no período neotestamentário. São Paulo: Paulus.

LESSA, F. S. (2004) O Feminino em Atenas. Rio de Janeiro: Editora Mauad.

KOESTER, H. (2005). Introdução ao Novo Testamento I: história, cultura e religião do período helenístico. São Paulo: Paulus.

\_\_\_\_\_. (2005). Introdução ao Novo Testamento II: história, cultura e religião do período helenístico. São Paulo: Paulus.

MALINA, E. (2004) O Evangelho Social de Jesus. O Reino de Deus em Perspectiva Mediterrânea. São Paulo: Paulus.

MACK, B. L. (1994). O Livro de Q: o Evangelho Perdido. Rio de Janeiro: Imago.

MATTINGLY, D. J. (1997) (Ed.) Dialogues in Roman Imperialism. In: Journal of Roman Archaeology, 23. Portsmouth: Owbow book. p. 51.

MCGRATH, J.F. (2007) Was Jesus Illegitimate? The evidence of his social interactions. In: Journal for the Study Historical Jesus. London, Thousand Oaks, CA and New Delhi, Vol. 5.1, p. 81-100.

MATTINGLY, D. J. (1997) (Ed.) Dialogues in Roman Imperialism. In: Journal of Roman Archaeology, 23. Portsmouth: Owbow book.

MÍGUEZ, N (1998). Cristianismos originários extrapalestinos (35-138 d.C.). In RIBLA. Petrópolis/São Leopoldo: Vozes/Sinodal. Nº 28. 85-121.

MILLER, R. J.(2003) Born Divine: The births of Jesus e other sons of God. California: Polebridge Press.

NEUSNER, J. CHILTON, B. (1997) The intelectual foundations of Christian and Jewish discourse: The philosophy of religious argument. London; New York: Routledge.

OTZEN, B. (2003). O Judaísmo na Antigüidade. A história política e as correntes religiosas de Alexandre Magno até o imperador Adriano. São Paulo: Paulinas.

REICK, I. (1974). The New Testament. London: C. Black

REIMER, I.R. (1995). Cristianismos originários (30-70 d.C.). In RIBLA. Petrópolis/São Leopoldo: Vozes/Sinodal. Nº 22. 45-59.

\_\_\_\_\_. (1995). Lembrar, Transmitir, Agir: mulheres nos inícios do cristianismo. In: Revista de Interpretação Bíblica Latino-americana. Petrópolis; Vozes. Nº 22. 45-59.

RGERS, S. C. (1975). female forms of power and the myth of male dominace: a model of female/mele interaction in peasant society. in: American Ethnologist, 2: 727-756.

SAID, E. W. (1995) Cultura e Imperialismo. São Paulo: Companhia das Letras.

SALDARINI, A. J. (2000) A Comunidade Judaico-Cristã de Mateus. Coleção Bíblia e História. São Paulo: Paulinas.

\_\_\_\_\_. (1988) Pharisees, Scribas and Sadducees in Palestine Society: a sociological approach. Wilmington, Delaware: Michael Glazier.

\_\_\_\_\_. (s/d) The Gospel of Matthew and jewish-Cristian Conflits. In Levini, Lee. (ed) The Galilee in late Antiquity. New york: The Jewish Theological seminary of America.

SANTOS, R. M. dos. (2006) Pluralidade e Conflito. As Revoltas Judaicas e a Ideologia do Poder. Uma História Comparada das Guerras Judaicas entre os séculos II a.C. e I E.C. Rio de Janeiro: UFRJ.

SCHEID, J. (2003) An introduction to Roman religion. Bloomington: Indiana University Press.

SCHWEITZER, A. (2005) A Busca do Jesus Histórico: Um estudo crítico de seu progresso. De Reimarus à Wrede. São Paulo: Paulus/Fonte Editorial.

SCOTT, J. (1991) A História das Mulheres. In: BURKE. P. A Escrita da História. São Paulo: UNESP.

STARK, Rodney. (1996). The rise of Christianity: a sociologist reconsiderers history. Princeton: Princeton Univ. Pres.

TURCAN, R. (1996) The Cults of the Roman Empire. Massachusetts: Blackwell Publishers.

VERMES, G. (1990). Jesus, o Judeu: uma leitura dos evangelhos feita por um historiador. São Paulo: Loyola.

\_\_\_\_\_. (1996). Jesus e o Mundo do Judaísmo. São Paulo: Loyola.

WEBSTER, J. & COOPER, N. (1996) Roman imperialism: post-colonial perspectives. Leicester: Leicester Archaeology Monographs 3.